



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Ciências Sociais e Humanas

# **Agressão e Iniciativa de Crescimento Pessoal no Contexto das Relações íntimas em estudantes do Ensino Superior. Estudo Exploratório.**

**- VERSÃO DEFINITIVA APÓS DEFESA -**

**Ana Carolina de Sá Fonseca**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Psicologia Clínica e da Saúde**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Manuel Loureiro

**Covilhã, novembro de 2017**



## **Dedicatória**

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditaram e me fizeram acreditar que era possível, que caminharam a meu lado, que me ajudaram a chegar onde cheguei. A todos os que me apoiaram incondicionalmente e me fizeram ultrapassar todos os obstáculos que surgiram ao longo de 5 anos.



# Agradecimentos

Decorridos cinco anos desde que iniciei este percurso, é agora altura de agradecer a todos aqueles que possibilitaram que este meu sonho se tornasse realidade. Tempo de agradecer a todos aqueles que caminharam a meu lado, que sempre acreditaram em mim e que me encorajaram a continuar a lutar mesmo nos momentos mais difíceis.

Agradecer, em primeiro lugar, ao Prof. Dr. Manuel Loureiro pela paciência e disponibilidade prestada ao longo deste ano, pelas palavras de motivação e incentivo.

Em segundo lugar à minha família: à minha mãe, que foi a pessoa que mais me ajudou, que me apoiou incondicionalmente e sempre me deu coragem, me transmitiu confiança e me mostrou que há sempre força para continuar a lutar pelo que queremos; ao meu pai e ao meu irmão por todo o apoio prestado, a todos os níveis; ao meu Gustavo por, inconscientemente, me fazer rir nos momentos tristes.

Ao Nuno, por ao longo destes cinco anos ter estado sempre presente, consciente e inconscientemente. Pelo apoio, pelo amor, pelo carinho nos momentos difíceis, pelo orgulho que sei que sempre teve em mim. Principalmente, e acima de tudo, pelo amigo que sempre foi e do qual tenho muitas saudades.

E como os amigos são a família que nós escolhemos, obrigada à Tojal pelas noites, pelos dias, pelas risadas e os vários momentos que sempre me proporcionou; ao Magalhães, aquele amigo de infância, que espero nunca perder. À Sara, que apesar de apenas ter estado presente nos últimos dois anos do meu percurso académico se tornou das amigas mais importantes. À minha Diana pela pessoa carinhosa que sempre foi, desde que me lembro de ser gente.

Por último, a todos os colegas de curso e a todos aqueles com quem me cruzei enquanto estudante universitária e que contribuíram para que me lembrasse destes anos com tanto carinho e emoção.



## Resumo

Entende-se por agressão o uso intencional de força física ou de poder, real ou sob a forma de ameaça, contra si próprio, contra outro indivíduo ou contra um grupo ou comunidade. A violência no namoro tem sido alvo de mais atenção nas últimas duas décadas, e rapidamente se percebeu que este é um problema tanto a nível social como psicológico.

Por sua vez, a Iniciativa de Crescimento Pessoal diz respeito à capacidade do indivíduo de se envolver ativa e intencionalmente no seu processo de crescimento pessoal. Isto é, ser capaz de fazer mudanças pessoais, quando as condições de vida mudam, de modo a se desenvolver positivamente.

Desta forma, o objetivo do presente estudo é perceber de que modo estas duas variáveis se relacionam e se alteram em função de variáveis com o sexo e a idade, por exemplo.

Para o efeito, foi aplicado um protocolo a 259 estudantes do ensino superior das instituições da Beira Interior, com idade compreendida entre os 18 e os 28 anos ( $M=21.00$ ;  $DP=2.179$ ). Desse protocolo apenas foram considerados para o presente estudo dois instrumentos, nomeadamente o Questionário de Agressividade de Buss & Perry, versão portuguesa (Simões, 1993; Cunha & Gonçalves, 2012), a Escala de Iniciativa de Crescimento Pessoal de Robitschek et al. (2012) e o Questionário Sociodemográfico.

Os principais resultados permitem concluir que os homens apresentam médias superiores no que diz respeito aos comportamentos agressivos, à exceção do fator “raiva”, que obteve maiores pontuações nos participantes do sexo feminino. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas na escala “Agressão física” em relação aos sexos, permitindo desta forma concluir que os homens apresentaram comportamentos mais agressivos do ponto de vista físico em relação às mulheres. Foi ainda possível verificar que as duas grandes variáveis em estudo estão relacionadas negativamente, isto é, quanto maiores forem os comportamentos agressivos, menor será a Iniciativa de Crescimento Pessoal dos indivíduos.

## Palavras-chave

Agressão; Iniciativa de Crescimento Pessoal; Comportamentos Agressivos; Estudantes do Ensino Superior.





## Abstract

Aggression is the intentional use of physical force or power, whether real or in the form of a threat, against yourself, another individual or against a group or community. Relationship violence has been the focus of more attention in the last two decades, and it has quickly become apparent that this is a socially and psychologically problem.

In turn, the Personal Growth Initiative is about the individual's ability to actively and intentionally engage in their personal growth process. Is the capacity to make personal changes, when the conditions of life change, in order to develop positively.

Thus, the objective of the present study is to understand how these two variables relate and change as a function of variables with gender and age, for example.

For this purpose, a protocol was applied to 259 students from higher education institutions in Beira Interior, aged between 18 and 28 years ( $M = 21.00$ ,  $SD = 2.179$ ). From this protocol only two instruments were considered: the Buss & Perry Aggressiveness Questionnaire, Portuguese version (Simões, 1993; Cunha & Gonçalves, 2012), the Personal Growth Initiative Scale of Robitschek et al. (2012) and the Sociodemographic Questionnaire.

The main results allow us to conclude that men present higher means for aggressive behaviors, with the exception of the "anger" factor, which obtained higher scores in the female participants. Statistically differences were observed in the "Physical aggression" scale in relation to the gender, allowing to conclude that the men presented more aggressive behaviors from the physical viewpoint in relation to the women. It was also possible to verify that the two large variables under study are related negatively, that is, the greater the aggressive behaviors, the less the individuals' Personal Growth Initiative.

## Keywords

Aggression; Personal Growth Initiative; Aggressive Behaviors; University Students



# Índice

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1- ESTADO DE ARTE: A AGRESSÃO NAS RELAÇÕES DE NAMORO .....	3
1.1- Agressão nas relações íntimas.....	3
1.1.1 Enquadramento Conceptual.....	3
1.1.2 Tipos de Agressão .....	4
1.1.3 Agressão no Namoro .....	6
1.1.4 Prevalência da Agressão na intimidade Juvenil .....	7
1.1.5 Crenças, Perceções e Atitudes envolvidas na Agressão .....	8
1.1.6 Modelos Teóricos Explicativos da Agressão Intima .....	9
1.2 Iniciativa de crescimento pessoal.....	11
1.2.1 Operacionalização do Conceito.....	11
1.2.2 Dimensões Avaliadas .....	12
1.2.3 Estudos Realizados.....	13
1.3 Objetivos e Hipóteses.....	13
CAPÍTULO 2: MÉTODO .....	15
2.1 Apresentação do Estudo .....	15
2.2 Participantes .....	15
2.3 Instrumentos.....	17
2.3.1 Agression Questionnaire .....	17
2.3.2 Personal Growth Initiative Scale-II.....	18
2.3.3 Questionário Sociodemográfico .....	19
2.4 Procedimentos .....	19
2.4.1 Procedimentos de Recolha de dados .....	19
2.4.2 Procedimentos Estatísticos.....	19
CAPÍTULO 3: RESULTADOS.....	21
CAPÍTULO 4: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E SÍNTESE CONCLUSIVA .....	25
4.1 Discussão dos resultados.....	25
4.2 Síntese Conclusiva .....	27
BIBLIOGRAFIA .....	29



## Lista de Tabelas

Tabela 1- Caracterização sociodemográfica dos participantes	Pág. 16
Tabela 2- Correlação entre as subescalas do QA	Pág. 18
Tabela 3- Correlação entre os fatores da EICP	Pág. 19
Tabela 4- Análise descritiva e diferenças de média das dimensões do QA em função do sexo	Pág. 21
Tabela 5- Análise descritiva e diferenças de média das dimensões do QA em função da idade	Pág. 22
Tabela 6- Análise Descritiva e diferença de médias das dimensões da Escala de Iniciativa de Crescimento Pessoal em função do sexo	Pág. 23
Tabela 7- Coeficiente de Correlação de Pearson entre ICP e nível etário	Pág. 24
Tabela 8- Coeficiente de Correlação de Pearson entre a Agressão e a ICP	Pág. 24



## Lista de Acrónimos

ICP	Iniciativa de Crescimento Pessoal
EICP	Escala de Iniciativa de Crescimento Pessoal
QA	Questionário de Agressividade
ECVC	Escala de Crenças da violência conjugal
CES-D	Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos
CPIC	Children's perception of Interparental Conflict scale
CTS-2	Revised Conflict Tactics Scales





# INTRODUÇÃO

A agressão em relações de intimidade tem vindo a assumir progressivamente um lugar de destaque no discurso científico, político, judiciário, nos meios literários e nos *mass media* suscitando, ao longo dos últimos anos, o interesse de múltiplos públicos (Matos, 2006). Efetivamente, a agressão por parte de um parceiro íntimo, usualmente mais conhecida como violência doméstica, parece ser um fenómeno universal, um fenómeno que não é específico de determinada região, cultura, etnicidade ou de fatores como o nível económico do casal (Cook & Dickens, 2009). Mais do que um tipo de agressão em si mesma, esta tem sido conceptualizada como uma séria violação dos direitos humanos, e talvez uma das mais disseminadas, tanto pela sua universalidade como pela sua prevalência (Garcia-Moreno & Watts, 2011; Sev'er, Dawson & Johnson, 2004).

Por sua vez, a Iniciativa de crescimento Pessoal é uma variável que começou a ser estudada há muito pouco tempo e que nos remete para a capacidade que o indivíduo possui de se desenvolver positivamente, de atingir objetivos previamente definidos e de realizar mudanças pessoais que o façam desenvolver positivamente.

Neste sentido, esta investigação pretende analisar estas duas variáveis e avaliar qual a associação das mesmas em estudantes do ensino superior, permitindo desta forma contribuir para o estudo das mesmas e transmitir a importância do aprofundamento da investigação no que diz respeito à variável de ICP, de que tão pouco se sabe.

Posto isto, o primeiro capítulo centra-se no enquadramento teórico das variáveis em estudo. No que diz respeito à Agressão, apresenta-se uma breve definição do conceito, os tipos de agressão existentes e um subtópico referente à agressão no namoro. Faz-se ainda referência às crenças e atitudes envolvidas na agressão, à prevalência da agressão na intimidade juvenil, terminando com alguns modelos teóricos explicativos desta variável. Por sua vez, no tópico que diz respeito à variável da Iniciativa de crescimento pessoal, descreveu-se sucintamente esta variável e mencionou-se as várias dimensões que a mesma abrange. Terminou-se o capítulo com a apresentação dos objetivos do presente estudo e das respetivas hipóteses que sustentam os mesmos.

No capítulo 2, faz-se uma breve apresentação do estudo, a descrição dos participantes do mesmo e os instrumentos que se tiveram em consideração para a realização desta investigação.

No capítulo seguinte apresentam-se os resultados obtidos em função dos objetivos estabelecidos anteriormente, terminando desta forma com a discussão dos mesmos.

Por fim, faz-se uma breve síntese conclusiva, onde se referem as principais limitações do estudo e possíveis investigações futuras.



# CAPÍTULO 1- ESTADO DE ARTE: A AGRESSÃO NAS RELAÇÕES DE NAMORO

## 1.1-Agressão nas relações íntimas

### 1.1.1 Enquadramento Conceptual

Etimologicamente, a palavra agressão deriva do latim *violentia*, que significa agressão (Houaiss & Villar, 2003). É um fenómeno dinâmico que não se restringe a grupos sociais, económicos ou geográficos específicos (Machado, 2010). No dicionário Houaiss, agressão é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”. No aspeto jurídico, o mesmo dicionário descreve o termo como o “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação” (Houaiss & Villar, 2003).

Este conceito traduz-se no ato de violentar abusivamente contra o direito natural, exercendo constrangimento sobre determinada pessoa ao obrigá-la a praticar algo contra a sua vontade. Ainda assim, este conceito varia consoante as sociedades em que está inserido, isto é, um comportamento que é considerado violento no mundo ocidental pode não ser catalogado da mesma forma noutras sociedades como é o caso da africana ou da asiática, por exemplo (Oliveira, 2009).

Na definição da Organização Mundial de Saúde considera-se a agressão como o uso intencional de força física ou de poder, real ou sob a forma de ameaça, contra si próprio, contra outro indivíduo ou contra um grupo ou comunidade. Desta forma, pode resultar em ferimentos, morte, problemas psicológicos, subdesenvolvimento ou privação (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, referidos por Ribeiro & Sani, 2008).

Para Fisher (referido por Ribeiro & Sani, 2008), a agressão manifesta-se através da violência e tem subjacente o uso material da força. Para este autor, é vista como forma de agressão social e que deve ser enquadrada numa perspetiva que tenha em conta o peso do contexto social, as condições económicas em que vivem os indivíduos, bem como os seus valores culturais. À semelhança de Fischer, Guillotte (referido por Galego, 2004), considera que os atos violentos devem ser enquadrados na relação com outros fenómenos que os acompanham, nomeadamente o contexto social, económico e cultural referido por Fisher. No entanto, enquanto este destacava como mais importante na agressão o uso da força, Guillotte destaca o seu carácter de reação a algo exterior, considerando assim imprescindível apreender o que pode acionar a agressão e o seu sentido (Galego, 2004).

Muitas vezes usa-se o termo “agressão” e “abuso” como sinónimos, no entanto, existem estudos que estabelecem uma ténue delimitação entre estes dois termos. A primeira é

preferencialmente usada quando se fala de agressão entre iguais, enquanto o termo “abuso” é mais utilizada quando falamos de crianças ou de agressão sexual (Vidal, 2008).

Oliveira e Manita (2003) definem a agressão como sendo o “uso intencional da força, coação ou intimidação contra terceiros ou de toda a forma de ação intencional que, de qualquer modo, lese os direitos e as necessidades dessa pessoa” (p.217). Tendo em conta todas as definições do conceito de agressão, torna-se visível que é um conceito com vários sentidos possíveis e que é composto por uma pluralidade de aspetos. Importante será referir que houve tempos em que a agressão era considerada natural e vista como um comportamento de honra ou desafio. Atualmente, a suscetibilidade e intolerância face aos comportamentos considerados violentos faz com que haja uma maior atenção da sociedade aos comportamentos considerados violentos, havendo uma maior intervenção ao nível da prevenção e punição dos mesmos (Ribeiro & Sani, 2008).

### **1.1.2 Tipos de Agressão**

A Organização Mundial de Saúde elaborou, em 2002, um relatório mundial de agressão com o objetivo de caracterizar e descrever a agressão nos mais diversos países e comunidades, com vista a melhorar a compreensão das causas e das consequências da agressão, bem como a sua prevenção (World Health Organization, 2002). Desta forma, discriminaram-se os diversos tipos de agressão através de uma categorização que tinha como referência as características dos indivíduos que cometiam atos violentos. Tendo em conta o conjunto de classificações possíveis para a agressão, pode-se optar por organizar os diferentes tipos de agressão tendo em conta as dimensões que são afetadas pelos comportamentos violentos. Assim, os principais tipos de agressão realizados nas sociedades atuais estariam agrupados nas seguintes categorias: Agressão autodirigida, agressão interpessoal e agressão coletiva (World Health Organization, 2002). No que respeita à agressão autodirigida, inserem-se todos os atos suicidas (suicídio e comportamentos parasuicidários) e outros comportamentos auto lesivos (e.g., automutilações). Quanto à agressão interpessoal, nela são consideradas duas subcategorias, a agressão familiar/agressão entre parceiros/as íntimos/as e a agressão na comunidade. Tendo por referência a pessoa que é vítima, estão incluídos no primeiro tipo os maus tratos a crianças e jovens, a agressão entre parceiros/as íntimos/as e a agressão contra pessoas idosas. No segundo grupo, inscrevem-se tanto a agressão perpetrada no círculo de pessoas próximas de quem é maltratado como a que ocorre fora dele, incluindo agressão juvenil, atos fortuitos violentos, assédio/abuso sexual ou violação por estranhos e agressão em contexto institucional (locais de trabalho, escolas estabelecimentos prisionais, lares de acolhimento, entre outros. (Direção Geral de Saúde, 2014). Por fim, a agressão coletiva, diz respeito a todo o tipo de agressão realizada por grupos alargados de indivíduos ou, formalmente, pelo próprio estado.

No entanto, no que se refere à natureza da agressão, estes podem-se concretizar tanto sob a forma de agressão física, como de agressão psicológica ou agressão sexual (Oliveira, 2007).

A *agressão física* caracteriza-se pela adoção de comportamentos que têm como principal consequência os danos físicos na vítima e que normalmente são executados através de bofetadas, murros, pontapés, empurrões ou até mesmo o uso de armas brancas ou de fogo. A agressão física é perceptível através da presença de contusões, feridas, queimaduras, hematomas, fraturas, entre outras lesões possíveis (Lourenço & Carvalho, 2001).

Este tipo de agressão, em casos mais extremos, pode implicar cuidados e tratamentos médico-hospitalares (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 1998), podendo mesmo levar à morte da vítima ou do agressor, caso se trate de homicídio ou suicídio. Uma vez que este tipo de agressão pode ser diária ou cíclica, é difícil para a vítima antever este comportamento por parte do agressor (Matos, 2006).

Já na *agressão psicológica*, o agressor recorre a um padrão de comunicação verbal ou não verbal, com o intuito de causar sofrimento psicológico no outro, desvalorizando-o constantemente (Machado, 2010). Este tipo de agressão inclui insultos, ameaças verbais, críticas, humilhações, ciúmes doentios desvalorizações, intimidações, manipulação e submissão, isolamento social, privação de contacto com a família e os amigos, revista a objetos pessoais (ex., agenda, telemóvel, computador), privação de documentação pessoal, negação do acesso a dinheiro ou a cuidados de saúde, bem como destruição ou dano de objetos pessoais (Direção Geral de Saúde, 2014).

Por fim, a *agressão sexual* passa por obrigar, coagir, ameaçar ou forçar a vítima a práticas sexuais contra a sua vontade, incluindo a violação no contexto conjugal, que muitas vezes não é entendida pelas vítimas enquanto tal (Direção Geral de Saúde, 2014). A agressão sexual pode ser entendida como uma passagem ao ato, não desejada pela vítima, sendo uma agressão que tem como foco a sexualidade da pessoa, mas que a afeta em todo o seu ser. As marcas físicas e psicológicas da agressão sexual são frequentemente muito grandes e, nestes casos, não se pode falar apenas dos ferimentos, infeções sexualmente transmitidas ou das gravidezes não desejadas que resultam deste tipo de agressão. Muitas vezes, o agressor faz uso da coação psicológica e do poder como estratégias para confundir a vítima (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 1998). Os principais maus-tratos sexuais são as violações genitais, anais e/ou orais, sendo também frequentes os toques indesejados, beijos forçados, pontapés em partes vulneráveis do corpo, coação para a prática de sexo em grupo, uso de objetos, tais como, garrafas ou paus, entre outros. Deste modo, sendo um crime punível por lei, a violação acarreta sempre uma carga emocional muito grande, desencadeando nas vítimas sentimentos de vergonha, nojo, vulnerabilidade, solidão e culpa (Veloso, 2013).

Para além dos tipos de agressão já referidos anteriormente, é ainda possível observar, atualmente, outro tipo de agressão na sociedade contemporânea - a agressão de género. Este tipo de agressão caracteriza-se pela atribuição do poder apenas à figura masculina, sendo que a figura feminina tem a obrigação de satisfazer os desejos e as vontades da figura que possui esse mesmo poder, neste caso, o homem (Lemos, 2008).

### 1.1.3 Agressão no Namoro

O namoro representa um tipo de relação interpessoal na qual há experimentação sentimental e/ou sexual entre duas pessoas que, podendo não ter nada ou quase nada em comum, criam entre si uma forte relação afetiva (Oliveira, 2004). Muehlenhard e Linton (citados por Jackson, 1999, p.34) definiram o namoro como “uma atividade social planejada com o sexo oposto”, excluindo assim o namoro homossexual. Já Sugarman e Hotaling (referidos por Jackson, 1999) propuseram uma definição que abrange três dimensões: o compromisso, a interação futura e a intimidade física.

Namorar é uma das atividades centrais na vida dos adolescentes e jovens que vão construindo as suas identidades, em parte, pelas experiências que vão tendo ao longo da vida, sendo que as interações a nível amoroso estão incluídas nestas experiências (Veloso, 2013).

A literatura evidencia que, frequentemente, os jovens não percebem as agressões perpetradas no âmbito das suas relações amorosas como abusivas e, mais especificamente, não reconhecem as relações sexuais forçadas como uma forma de violação. Tal tipo de representação do fenómeno resulta no típico sub-relato deste tipo de agressões, sobretudo nos casos em que o agressor é o namorado ou alguém conhecido (Caridade & Machado, 2008). Hall e Barongan (referidos por Caridade & Machado, 2008) salientam que o comportamento sexualmente agressivo é produto de uma cultura onde este tipo de ato é tendencialmente consentido e aceite. A tolerância e legitimação desta forma específica de abuso, bem como a vergonha que muitas vezes lhe está associada, dificultam o adequado conhecimento desta realidade, bem como a sua erradicação, na medida em que reduzem a probabilidade de haver denúncia e sanção dos ofensores.

A grande maioria entra nas suas relações amorosas com expectativas de encontrar amor, amizade, de ter relações sexuais e de ser feliz. E, neste sentido, é sempre problemático quando estes jovens encontram agressão, seja ela física, sexual ou psicológica, naquelas que são as suas primeiras relações amorosas (Jackson, referido por Veloso, 2013).

Num primeiro momento, a investigação desta temática centrou-se quase exclusivamente na agressão marital e só muito recentemente se verificou um alargamento da investigação a outros grupos específicos, como é o caso da agressão em faixas etárias mais reduzidas. Esta abertura do foco da atenção por parte da comunidade científica adveio da administração de inquéritos de vitimação a outros grupos sociais, evidenciando níveis inquietantes de agressão na intimidade juvenil e comprovando que este tipo de abuso não se circunscreve às relações conjugais. Os estudos demonstraram ainda que caso a relação se prolongue no tempo, tem tendência a agravar em termos de frequência e gravidade, constituindo assim um fator preditor de agressão conjugal (Caridade & Machado, 2006). No entanto, este fator não deve assumir um carácter determinista mas sim ser visto como um fator de risco na ocorrência deste comportamento (Oliveira, 2009).

### 1.1.4 Prevalência da Agressão na intimidade Juvenil

Atualmente já são vários os estudos que nos dão a conhecer a prevalência da agressão na adolescência. Um estudo realizado por Berry (2000) indica que 20% a 30% dos jovens envolvidos em relações de namoro experienciam agressão e Moffitt, Caspi, Fagan e Silva (referidos por Caridade e Machado, 2006) estimam que a prevalência da agressão entre jovens adultos se situará entre os 21,8% e os 55%.

Ao nível nacional, as evidências empíricas corroboram estes dados. Assim, alguns estudos realizados com estudantes universitários demonstraram que uma percentagem significativa de estudantes adota condutas violentas no contexto das suas relações de namoro (Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004). Machado, Matos e Moreira (2003), constataram que, no conjunto dos sujeitos que estavam envolvidos em relacionamentos amorosos, 15.5% referiam ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo e 21.7% admitiam ter adotado este tipo de condutas em relação aos seus parceiros amorosos. De igual modo, Paiva e Figueiredo (2004) verificaram que, em termos quer da perpetração quer da vitimização, a agressão psicológica é o tipo de abuso mais prevalente na amostra.

Dobash e Dobash (2004) reconhecem que os resultados das investigações na área do género e da agressão íntima são contraditórios, dividindo os dados em duas direções. Por um lado, consideram que a investigação aponta para a existência de um tipo de agressão simétrica (em que homens e mulheres são igualmente abusivos) e, por outro, destacam as indicações no sentido de existir um tipo de agressão assimétrica, da qual os homens são os principais perpetradores. Os autores acreditam que na origem destes dados contraditórios estão questões de índole metodológica, mais concretamente a forma como a agressão é conceptualizada, medida e reportada nos diferentes estudos.

A maioria das investigações internacionais e nacionais desenvolvidas nesta área revela que a agressão entre companheiros amorosos se caracteriza por trocas mútuas de agressões, evidenciando que as mulheres podem ser fisicamente tão violentas como os homens e, por vezes, ainda mais (Caridade & Machado, 2006).

Numa investigação levada a cabo com 600 adolescentes com idades compreendidas entre os 15-19 anos, conduzida por Serquino-Ramiro (2005), foi possível verificar que 64% dos participantes da amostra tinham praticado ou experimentado algum tipo de pressão ou coerção sexual nas suas relações amorosas. Dos participantes vitimados por este tipo de práticas sexuais, 65% pertenciam ao sexo feminino e 42% ao sexo masculino

Price, Byers e o Dating Violence Research Team (referidos por Caridade & Machado, 2006) fizeram uma análise de vários estudos de outros autores e concluíram que o abuso verbal tem uma prevalência entre os 11% e os 15% o abuso físico oscila entre os 9% e os 43% e o abuso sexual varia entre os 16% e os 20%. Relativamente ao abuso sexual é de realçar que alguns dados empíricos indicam que a violação, entre outros tipos de agressão sexual, aparece mais

nas relações de namoro (Berry, referido por Caridade & Machado, 2006). Assim, Michael (referido por Machado, Matos & Moreira, 2003) menciona que entre as mulheres que foram questionadas acerca de experiências de vitimação sexual, 22% declararam que os seus namorados as forçaram a praticar atos sexuais indesejados. No mesmo sentido, Day (referido por Caridade & Machado, 2006) refere que entre as violações que envolvem estudantes universitárias, perto de 45% são cometidos pelos respetivos namorados

Também as estatísticas da justiça portuguesas identificam claramente os escalões etários mais jovens (até aos 29 anos) como os mais representados entre as vítimas de agressão sexual, numa proporção que era, em 1998, de 64% do volume total de vítimas de crimes sexuais (Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Justiça, 1998).

### **1.1.5 Crenças, Perceções e Atitudes envolvidas na Agressão**

Quando falamos da agressão nas relações de intimidade é importante compreender o contexto, os mitos e as crenças envolvidos e o significado que a agressão tem para cada um/a. As crenças sobre a agressão poderão ter também um papel preponderante na compreensão do fenómeno da agressão nas relações de namoro, uma vez que podem ou não, legitimar estes comportamentos. Isto é, a forma como se interpreta determinada situação vai condicionar a forma como o sujeito age quando confrontado com este tipo de realidade, daí ser importante perceber quais são as crenças que estão associadas à agressão e a forma como esta é interpretada pelos adolescentes (Oliveira, 2009).

O nosso desenvolvimento é construído com base nas interações com os outros, havendo uma forte influência de tudo o que nos rodeia e as crenças surgem como consequência das perceções que vamos construindo. Assim, o fenómeno da agressão encontra-se ligado às representações sociais e o que se considera ou não violento tem origem no quadro de referência de cada pessoa (Ventura, Ferreira & Magalhães, 2013). Para Machado (2010), as crenças sociais assumem maior importância no período da adolescência, uma vez que os rapazes e as raparigas nesta fase experimentam e intensificam as expectativas de género, sendo importante analisar as atitudes e crenças que legitimam a agressão nas relações de intimidade e as perceções dos jovens acerca da representação desse tipo de agressão.

Segundo Machado, Matos e Moreira (2003), a desvalorização de um comportamento violento acontece tanto por parte dos agressores como das vítimas, podendo conduzir à perpetuação e ao agravamento deste tipo de comportamentos. Desta forma, a legitimação da agressão parece estar associada à sua normalização, isto é, a partir do momento em que um comportamento é considerado normativo na relação, a sua ocorrência é minimizada e reforçada a sua continuidade (Oliveira, 2009).

Muitas das crenças ligam-se à desigualdade entre homens e mulheres. Os homens, com mais poder, têm o direito de controlar os outros membros da família, com a aprovação das mulheres, das crianças e da sociedade, sendo com frequência estas ideias transmitidas por adultos de ambos os sexos quando educam as crianças (Afonso, 2010). As crenças mais



conservadoras sobre os papéis de homem e de mulher estão relacionadas com a tendência dos homens a usar a agressão e culpar as mulheres pela agressão sofrida e das mulheres para justificar, ou pelo menos desculpar os comportamentos dos agressores. González-Ortega, Echeburúa e Corral (2008) consideram ainda que, entre os jovens, há uma crença, principalmente entre os rapazes, de que o uso de agressão, seja ela através de ameaças, empurrões, humilhação, entre outras formas, é aceitável para a resolução de conflitos interpessoais (Ventura, Ferreira & Magalhães, 2013).

No estudo de Machado, Matos e Moreira (2003), os rapazes subscrevem mais a crença de que a agressão poderá ser justificável em função dos comportamentos das mulheres, consideram importante preservar a privacidade familiar e acreditam que a agressão poderá ser atribuída a causas externas e fora do controlo do agressor (e.g., o álcool ou a pobreza), desvalorizando a “pequena agressão” no contexto das relações íntimas.

De referir, ainda, a tendência, verificada principalmente em estudos com adolescentes (Campos & Guimarães, referidos por Guimarães & Campos, 2007), para o reconhecimento da agressão somente em situações marcadas pela existência da agressão física. neste contexto ocorre uma vinculação da noção ou representação da agressão ao ato agressivo e, prioritariamente, ao ato agressivo resultante em morte, excluindo comportamentos menos evidentes como sejam a intimidação, a coação e a negligência.

González-Ortega, Echeburúa e Corral (2008) consideram que, depois de acontecer as primeiras agressões, as vítimas querem justificar porque não terminam com a relação. A crença de que o amor pode ultrapassar tudo e que, com o tempo, tudo vai melhorar, supera o conhecimento da realidade e leva algumas jovens a considerar que os seus esforços conseguirão resolver os problemas. Segundo Mendes e Cláudio (2010), ao longo do tempo, em que têm sido realizados estudos neste campo, temos observado uma atitude de banalização da agressão por parte dos mais jovens, que caracterizam estes comportamentos agressivos como simples atos de ciúme e amor. A maior aceitação da agressão pelo critério de normalidade, frequentemente associada a atos de ciúme, dificulta a tomada de consciência dos/as mais jovens para a gravidade deste tipo de conduta. Caridade (2011) e Mendes e Cláudio (2010) desenvolveram estudos em que aplicaram a Escala de Crenças sobre a Agressão Conjugal (ECVC) com amostras de jovens de ambos os sexos dos ensinos universitário, secundário e profissional. Os resultados revelaram níveis baixos de legitimação dos comportamentos violentos e diferenças significativas nos dois sexos, sendo que o masculino mostrou uma maior aceitação da agressão.

### **1.1.6 Modelos Teóricos Explicativos da Agressão Intima**

Apesar de já existir uma vasta investigação no domínio da agressão nas relações íntimas na adolescência, parece existir uma carência ao nível do desenvolvimento de abordagens

teóricas explicativas da agressão ocorrida neste contexto relacional específico. Embora a literatura tenha vindo a identificar um vasto número de variáveis que poderão predispor os jovens à agressão, com particular destaque para a vitimação prévia na infância, seja por agressão direta ou indireta, as atitudes legitimadoras da agressão, o consumo de álcool e outros fatores intra e interpessoais, como é o caso da baixa autoestima, da depressão e das reduzidas competências comunicacionais, apenas um número muito reduzido de investigadores procurou conceptualizar o problema da agressão nas relações de intimidade juvenil (Caridade & Machado, 2013).

Dias (2012) defende a existência de um percurso evolutivo neste domínio, partindo-se das abordagens mais individuais (teorias intraindividuais), passando pelas dinâmicas e sistémicas (teorias diádicas-familiares) e culminando numa perspetiva mais abrangente que procura a contextualização cultural do fenómeno (abordagens socioculturais).

As perspetivas intraindividuais destacam-se por terem sido as primeiras explicações teóricas a dar o seu contributo na explicação da agressão íntima em geral. De uma forma muito genérica, estas abordagens para além de procurarem compreender as ações dos agressores a partir das suas características biológicas e psicológicas, procuram igualmente descrever a personalidade das vítimas e a sua vulnerabilidade psicológica para a ocorrência do abuso.

Estas perspetivas centram-se, fundamentalmente, nas experiências precoces de agressão dos indivíduos (e.g., exposição à agressão interparental, experienciação de abuso sexual na infância) aliada à presença de determinados fatores situacionais (e.g., consumo de álcool, conflitos relacionais). A agressão nas relações íntimas juvenis surge, muitas vezes, percebida como sendo consequência das atitudes individuais de cada um, da dificuldade que os jovens possuem em resolver os conflitos relacionais, em que os ciúmes e a dificuldade em controlar a raiva surgem como sendo as principais causas da agressão (Caridade & Machado, 2013).

Dentro das perspetivas diádicas-familiares, a noção de aprendizagem social inerente à teoria intergeracional da agressão é a que tem merecido mais destaque pelos investigadores da área que têm procurado explicar este fenómeno (Hines & Saudino, 2002). Esta abordagem sustenta que o comportamento de cada indivíduo é determinado pelo ambiente em que este se insere, particularmente pelos elementos da sua família, mediante mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coacção (Foo & Margolin, referidos por Caridade & Machado, 2013). Nesta linha de pensamento, uma criança que tenha sido exposta à agressão interparental ou que tenha sofrido maus tratos na infância apresentará maior probabilidade de vir a reproduzir estes comportamentos e/ou de evidenciar uma maior tolerância face a este tipo de práticas abusivas. A vitimação direta ou indireta poderá contribuir para a aceitação deste tipo de práticas e, deste modo, a agressão ser interpretada como uma forma adequada de resolução dos conflitos (Riggs & O'Leary, 1996). O recurso à agressão pelos jovens expostos ao conflito familiar tem sido ainda atribuído ao facto de estes associarem à agressão interpessoal mais funcionalidades positivas do que consequências negativas e, conseqüentemente,

desenvolverem expectativas positivas face ao comportamento violento (Foshee, Bauman, & Linder, 1999).

As perspectivas feministas, pioneiras no reconhecimento das influências culturais na agressão íntima, têm igualmente proporcionado contributos importantes nesta matéria, enfatizando o papel das mensagens sociais e culturais na normalização e aprovação da agressão na intimidade (Ismail, Berman & Ward-Griffin, 2007). Segundo estas perspectivas, a agressão resulta de um conjunto de valores patriarcais que se foram institucionalizando a vários níveis e sob diferentes formas: ao nível macro, ao nível intergeracional, ao nível cultural e ao nível individual (Marin & Russo, 1999).

Desta forma, a variação intercultural que existe na tolerância ao comportamento violento perpetrado sobre a mulher está relacionada com a influência dos valores patriarcais em cada cultura (Caridade & Machado, 2013).

Apesar desta última perspectiva ter sofrido algumas críticas feministas, não podemos negligenciar o importante contributo destas, sobretudo na análise da relação entre género e agressão, ao susterem que o sistema patriarcal promove as desigualdades de género, tornando possível a emergência de múltiplas e inovadoras práticas interventivas, nomeadamente a desconstrução de estereótipos culturais, a constituição de grupos de autoajuda, bem como os centros de acolhimento para vítimas (Matos, 2002).

Posto isto e apresentados os vários modelos teóricos, considera-se importante não nos centrarmos apenas num único, uma vez que poderá conduzir a uma visão demasiado redutora na compreensão deste problema, até porque, e tal como a literatura sustenta, vários fatores poderão interferir com o entendimento que vítimas e agressores constroem das experiências violentas (Caridade & Machado, 2013).

## **1.2 Iniciativa de crescimento pessoal**

### **1.2.1 Operacionalização do Conceito**

Ao longo da vida, é provável que os indivíduos experimentem situações desafiadoras e adversas que exigem mudanças na maneira como interagem com os outros e lidam com várias situações cotidianas. As alterações desenvolvidas por pessoas podem ser causadas por fatores externos (e.g., promoção de emprego) ou podem ser mudanças causadas pelo indivíduo (e.g., concluir um curso de pós-graduação). Essas mudanças podem exigir que os envolvidos se adaptem a um novo contexto, interajam com os outros de forma diferente e usem estratégias de enfrentamento adequadas para gerenciar essas novas demandas (Robitschek, 1997). O processo de mudança intencionalmente desenvolvido pelos indivíduos é reconhecido como Iniciativa de Crescimento Pessoal (ICP). A iniciativa de crescimento pessoal pode ser entendida como o envolvimento ativo e intencional do indivíduo no seu processo de crescimento pessoal. É um conjunto de habilidades, que uma pessoa pode aprender em

qualquer momento da sua vida (Robitschek, 1998; Shigemoto, Ashton & Robitschek, 2016). As mudanças pessoais provenientes da ICP podem ser realizadas nos diferentes domínios de vida dos indivíduos, ocorrendo nas dimensões afetiva, cognitiva e comportamental (Robitschek, 2003).

Assim, a capacidade de identificar e fazer mudanças pessoais que promovam o desenvolvimento positivo dos indivíduos, quando suas condições de vida mudam, constitui a Iniciativa de Crescimento Pessoal (Freitas, Damásio, Tobo, Kamei & Koller, 2016).

### **1.2.2 Dimensões Avaliadas**

O crescimento pessoal pode ser estimulado por processos de desenvolvimento, ambientais ou intencionais (Prochaska & DiClemente, 1986). No domínio do desenvolvimento, o crescimento ou a mudança tipicamente ocorre sem o conhecimento ou a consciência do indivíduo. Por exemplo, uma criança desenvolve uma forma mais complexa de raciocínio moral sem estar ciente de que isso está ocorrendo. Quando alertado por fatores ambientais, o crescimento pessoal pode ocorrer com a consciência do indivíduo, mas apesar da resistência do indivíduo a esse crescimento. Pessoas que recentemente ficaram viúvas podem acreditar de que um aumento da autossuficiência resultará desta situação, porém, podem resistir a essa mudança porque veem isso como uma traição ao cônjuge falecido. Finalmente, quando o crescimento pessoal é devido a processos intencionais, o indivíduo está plenamente consciente de que a mudança está ocorrendo e está ativamente e voluntariamente envolvido no processo. Por exemplo, as pessoas que estão insatisfeitas com sua escolha vocacional podem participar ativamente na autoexploração para encontrar um ajuste melhor dentro do mundo do trabalho (Robitschek, 1998)

Desta forma, a ICP é avaliada através de 4 fatores, são eles: a prontidão para a mudança, planos para a mudança, o uso de recursos e o comportamento intencional (Shigemoto, Ashton & Robitschek, 2016). A prontidão para a mudança refere-se à capacidade do indivíduo para identificar ou criar situações com potencial para promover o crescimento pessoal e os planos para a mudança abordam a capacidade que o indivíduo tem de planejar o crescimento pessoal, isto é, pode ser compreendido como a capacidade de uma pessoa organizar estratégias para facilitar seu desenvolvimento pessoal. O uso de recursos abrange o uso de recursos pessoais e externos (e.g., ajuda de outros) na promoção do crescimento pessoal e o comportamento intencional, por sua vez, avalia a disposição e a motivação pessoal para alcançar os objetivos estabelecidos para a mudança pessoal (Robitschek et al., 2012).

De acordo com Robitschek et al. (2012) a iniciativa de crescimento pessoal é composta por duas dimensões: a cognitiva e a comportamental. Da dimensão cognitiva fazem parte os dois primeiros fatores (a prontidão para a mudança e planfulness), que inclui crenças, atitudes e valores relacionados ao crescimento pessoal. As pessoas que têm ICP cognitiva elevada sabem quando e como fazer mudanças e como estabelecer metas realistas para a mudança. Por sua vez, a dimensão comportamental é composta pelos fatores “uso de recursos” e

“comportamento intencional”, que se foca no crescimento orientado para a ação. Pessoas com alto ICP comportamental podem utilizar recursos externos disponíveis e iniciar comportamentos intencionais com o objetivo de melhorar a si mesmo.

### 1.2.3 Estudos Realizados

Segundo estudos realizados por vários autores, as pessoas habilitadas em ICP usam uma capacidade de enfrentamento mais reflexiva, têm altos níveis de afeto positivo, assertividade, instrumentalidade, expressividade e locus de controle internos, usam menos *coping* supressivo e relatam baixos níveis de afeto negativo, depressão, ansiedade e sofrimento psicológico (Hardin, Weigold, Robitschek, & Nixon, 2007; Robitschek & Cook, 1999; Robitschek & Kashubeck, 1999). Pessoas com alta Iniciativa de Crescimento Pessoal possuem também, normalmente, altos níveis de bem-estar psicológico, social e emocional (Robitschek & Keyes, 2009). Segundo Shigemoto, Ashton & Robitschek (2016) a ICP parece aumentar o bem-estar e diminuir as consequências negativas, podendo desta forma ser considerada uma importante característica pré-traumática que pode melhorar o crescimento pós-traumático e aliviar o stress pós-traumático.

Por sua vez, uma baixa Iniciativa de Crescimento Pessoal está associada a um impacto negativo na vida das pessoas. Observou-se que os baixos níveis de ICP estão relacionados a dificuldades de adaptação a novos contextos, de modo que os envolvidos experimentam níveis mais elevados de stress e ansiedade e menores níveis de satisfação com a vida (Yakunina, Weigold, & Weigold, 2013; Yakunina, Weigold, Weigold, Hercegovac, & Elsayed, 2013). Dificuldades na identificação de oportunidades para o crescimento pessoal também estão associadas com a adoção de estratégias de enfrentamento ineficaz, como o uso predominante de estratégias de enfrentamento focadas na emoção em vez do uso de estratégias focadas nos problemas (Weigold & Robitschek, 2011).

Também o estudo realizado por Sharma, Garg & Rastogi (2011), concluiu que existe uma relação entre ICP e personalidade. Estes autores concluíram que pessoas com personalidade do Tipo A (altamente competitivas, orientadas para a realização, que gostam de assumir riscos) têm maiores níveis de Iniciativa de Crescimento Pessoal do que pessoal com Personalidade do Tipo B (relaxadas, complacentes, que não gostam de correr riscos, aceitam a situação em vez de lutarem contra ela).

## 1.3 Objetivos e Hipóteses

O interesse pelo estudo da problemática no contexto das relações de namoro em Portugal, emergiu num estudo realizado em 2013 por Machado, Matos e Moreira, onde se verificou a relevância social desta problemática. No entanto, a relação desta problemática com a ICP é bastante escassa, pelo que ainda não existem estudos realizados no âmbito destas duas

variáveis. Deste modo, é essencial que se desenvolvam mais investigações com o objetivo de caracterizar, compreender, explicar e analisar esta problemática, de forma a delinear estratégias de prevenção eficazes. Assim, surge a questão de investigação do presente trabalho *“Será que existe uma relação entre os comportamentos agressivos nas relações íntimas e a Iniciativa de Crescimento Pessoal em estudantes do ensino superior?”*. Desta forma, este estudo quantitativo, descritivo pretende descrever e compreender o impacto da agressão nas relações íntimas, bem como analisar a sua relação com a Iniciativa de Crescimento Pessoal. Neste sentido a presente investigação pretende alcançar os seguintes objetivos gerais: 1) avaliar se existe associação entre a variável “Agressão” e a variável “Iniciativa de Crescimento Pessoal”; 2) Comparar as variáveis “Agressão” e “Iniciativa de Crescimento Pessoal” em função do género e do nível etário dos participantes.

Posto isto, as hipóteses definidas para a presente investigação são:

H1: Há diferenças de sexo estatisticamente significativas em função dos comportamentos agressivos dos participantes;

H2: Há diferenças estatisticamente significativas nos grupos de idade em função dos comportamentos agressivos;

H3: Os participantes do sexo feminino apresentam maiores níveis de ICP quando comparados com os do sexo masculino;

H4: Há uma correlação significativa entre a idade e a ICP;

H5: Há uma correlação significativa negativa entre a agressão e a ICP

## CAPÍTULO 2: MÉTODO

Este capítulo irá iniciar-se com uma breve descrição da natureza do estudo, bem como das características da amostra. Posteriormente, apresentar-se-ão os instrumentos utilizados no presente estudo e os procedimentos realizados ao longo do mesmo.

### 2.1 Apresentação do Estudo

Fortin (1999, p.133) refere que “o tipo de estudo descreve a estrutura utilizada segundo a questão de investigação vise descrever variáveis ou grupo de sujeitos, explorar ou examinar relações entre variáveis ou ainda verificar hipóteses de causalidade”. Sendo a investigação um processo complexo, é fundamental planificar e selecionar metodologias adequadas para a recolha de dados e a sua posterior análise.

Posto isto, para concretizar os objetivos a que nos propusemos, apresentamos um estudo de natureza quantitativa, sendo este descritivo num primeiro momento e correlacional à *posteriori*.

A metodologia quantitativa pressupõe a observação de fenómenos, a formulação de hipóteses que expliquem esses fenómenos, o controlo de variáveis, a seleção dos sujeitos que entram na investigação (amostragem), a verificação ou rejeição das hipóteses mediante a recolha rigorosa de dados, e que os dados sejam sujeitos a uma análise estatística e uma utilização de modelos matemáticos para testar essas mesmas hipóteses (Carmo & Ferreira, 1998). A investigação descritiva tem o propósito de descobrir novos conhecimentos, descrever fenómenos existentes, determinar a frequência da ocorrência de um fenómeno numa dada população ou categorizar a informação (Fortin, 1999). O estudo é de natureza transversal, já que os dados foram obtidos num determinado espaço de tempo pré-definido e a uma determinada população, possibilitando assim a recolha de observações acerca do comportamento da população em estudo e, ainda, o estabelecimento de comparações entre subgrupos e analisar as relações entre as variáveis (Fortin, 1999). Todas as medições foram feitas num único momento, não existindo, portanto, um seguimento dos sujeitos.

### 2.2 Participantes

A seleção dos participantes para o estudo foi realizada a partir de um processo de amostragem aleatória estratificada, pois procedeu-se à seleção da amostra entre estratos. Neste sentido, os participantes do estudo constituem uma amostra de 259 estudantes, a frequentar instituições do Ensino Superior da Beira Interior. Neste sentido e face à população a ser estudada, o critério de inclusão é: os sujeitos terem idade igual ou inferior a 30 anos e estarem numa relação íntima.

A amostra é composta por 133 participantes do sexo masculino e 136 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos, tendo uma média de 21 e um desvio padrão de 2.179.

Os participantes são naturais de diversas localidades, sendo a maior parte do distrito de Castelo Branco, com cerca de 112 (43,3%) sujeitos.

Quanto às habilitações literárias, 50,4% dos participantes encontram-se no 1º ano de licenciatura (n=125), estando os restantes a frequentar o segundo e terceiros anos de licenciatura, representando 14,1% e 35,1% da amostra, respetivamente.

Em relação ao curso, 102 (39,4%) frequentam o curso de enfermagem, 42 (16,3%) de desporto e atividade física, 32 (12,3%) de imagem médica e radioterapia, 19 (7,3) de engenharia informática, 14 (4,9%) de engenharia das energias renováveis, 14 (5,9%) de engenharia eletrónica e das telecomunicações, 5 de tecnologia de informação e multimédia (1,9%), 11 (4,2%) de engenharia civil, 8 (3,1%) de engenharia industrial e 4 de gestão comercial (1,5%).

**Tabela 1**

*Caracterização Sociodemográfica dos participantes*

<b>Variável</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
<b>Sexo</b>				
Masculino	123	47,5%		
Feminino	136	52,5%		
<b>Idade</b>				
(n=259)			21	2,179
<b>Nacionalidade</b>				
Portuguesa	248	95,8%		
Outra	11	4,2%		
<b>Orientação Sexual</b>				
Heterossexual	238	95,6%		
Homossexual	7	2,8%		
Outra	1	0,4%		
<b>Ano de Curso</b>				
1º ano de licenciatura	125	50,4%		
2º ano de licenciatura	35	14,1%		
3º ano de licenciatura	87	35,1%		
1º ano de mestrado	1	0,4%		
<b>Tem neste momento uma relação</b>				
Sim	259	100%		
Não	0	0%		
<b>Natureza da relação</b>				
Sem compromisso	35	13,6%		
Namoro sem viverem juntos	193	75,1%		
Namoro a viverem juntos	26	10,1%		
Casamento	3	1,2%		

No que concerne à orientação sexual dos participantes, 238 (95,6%) afirmaram ser heterossexuais, 7 (2,8%) homossexuais e 1 (0,4%) referiu ter outra orientação, nomeadamente a bissexual. Uma vez que o presente estudo incide apenas nos participantes que afirmaram estar num relacionamento íntimo, 193 (75,1%) destes estão numa relação de namoro sem



viverem juntos, 35 (13,3%) estão numa relação sem compromisso, 26 (10,1%) estão numa relação de namoro a viver juntos e 3 (1,2%) afirmam estar casados.

## 2.3 Instrumentos

O presente trabalho insere-se num projeto de investigação denominado “*Agressão 360º- Abordagem Clínica, Familiar, Social e Comunitária da Agressão Interpessoal em diferentes Populações*”, que teve início no ano letivo 2015-2016. Este projeto apresenta como principais objetivos o estudo dos comportamentos e das crenças de agressão da população universitária Portuguesa, contribuindo assim para uma melhor compreensão da génese, das causas e das consequências dos comportamentos agressivos.

Desta forma, foi aplicado um protocolo aos participantes constituído pelas seguintes provas de avaliação: Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (CES-D) (Radloff, 1977) - versão portuguesa de Gonçalves e Fagulha (2004); Children’s perception of Interparental Conflict scale (CPIC), de Grich, Seid & Fincham (1992), versão portuguesa de Moura, Santos e Matos (2006); Revised Conflict Tactics Scales (CTS2) de Strauss, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman (1996) - versão portuguesa de Alexandra & Figueiredo (2006); Escala de Crenças sobre Agressão Conjugal (ECVC) de Machado, Matos & Gonçalves (2000); Agression Questionnaire, de Buss & Perry, versão portuguesa (Simões, 1993); Personal Growth Initiative Scale-II (PGIS-II), de Robitschek et al. (2012) e Questionário Sociodemográfico.

Contudo, como o presente trabalho se prende em analisar os comportamentos agressivos associados à Iniciativa de Crescimento Pessoal, a análise aqui efetuada irá recair apenas sobre os resultados obtidos tendo em conta a utilização dos seguintes instrumentos: Agression Questionnaire, de Buss & Perry, versão portuguesa (Simões, 1993; Cunha & Gonçalves, 2012); Personal Growth Initiative Scale-II (PGIS-II), de Robitschek et al. (2012) e o Questionário Sociodemográfico.

Estes instrumentos serão descritos pormenorizadamente de seguida.

### 2.3.1 *Agression Questionnaire*

Este questionário tem como objetivo principal avaliar a agressividade e é composto por 29 itens, que são divididos em 4 subescalas: “*Agressão Física*” (itens de 1 a 9); “*Agressão Verbal*” (itens de 10 a 14); “*Raiva*” (itens de 15 a 21) e “*Hostilidade*” (itens de 22 a 29).

As subescalas “*Agressão Física*” e “*Agressão Verbal*” representam a componente instrumental dos comportamentos que envolvem magoar o outro, onde um dos objetivos principais é a tentativa de poder sobre o outro; A “*Raiva*” representa a componente emocional do comportamento agressivo e a “*Hostilidade*” a componente cognitiva do comportamento, baseando-se nos comportamentos de maldade e justiça (Buss & Perry, 1992; Castela, 2013).

As possibilidades de resposta do questionário são constituídas por uma escala de *Likert* de cinco pontos em que 1 representa “Muito raro em Mim” e 5 “Muito frequente em Mim”. De referir que os itens 7 e 18 são cotados de forma inversa (Buss & Perry, 1992).

No presente estudo verificou-se que os alfa de Cronbach do presente instrumento, em geral, são aceitáveis: 0,666 para “Agressão Física”; 0,664 para “Agressão Verbal”; 0,598 para “Raiva”; 0,836 para “Hostilidade” e, por fim, a escala de “Agressão Total” apresentou um alfa de 0,870. São conhecidas versões adaptadas portuguesas de Simões (1993) e de Cunha & Gonçalves (2012).

De forma a avaliar a validade do instrumento recorreu-se ao teste de Pearson para verificar a correlação entre fatores. Na leitura dos parâmetros estimados, verificou-se que nenhuma correlação é superior a 1 ou inferior a -1, e não se observaram variâncias negativas, possuindo assim os parâmetros esperados. As correlações entre os quatro fatores foram positivas e significativas ( $p < 0.01$ ), conforme apresentado na Tabela 2.

**Tabela 2**

*Correlações entre as subescalas do QA*

	Agressividade física	Agressividade verbal	Raiva	Hostilidade
Agressividade física	-	.473	.589	.286
Agressividade verbal		-	.649	.400
Raiva			-	.541
Hostilidade				-

### **2.3.2 Personal Growth Initiative Scale-II**

Esta escala mede a Iniciativa de Crescimento Pessoal e é constituída por 16 itens, distribuídos por 4 escalas: prontidão para a mudança (itens 2,8,11 e 16), uso de recursos (itens 6,12 e 14), comportamento intencional (itens 4,7,9 e 15) e planos para a mudança (itens 1,3,5,10 e 13).

As possibilidades de resposta da escala variam de zero a cinco pontos, em que 0 representa “Discordo fortemente” e 5 “Concordo fortemente”. Para o cálculo da pontuação de casa escala deve-se somar a pontuação obtida e dividi-la pelo número de itens que compõem cada escala. Por sua vez, para obter a pontuação total da escala deve-se somar a pontuação obtida nas quatro escalas e dividir por quatro.

Calculou-se também os alfa de Cronbach da presente escala, nos quais se obteve: 0,80 para a escala “Prontidão para a mudança”; 0,88 para “Planos para a mudança”; 0,76 para “Uso de recursos” e 0,84 para “Comportamento Intencional”.

Tal como no QA, também neste instrumento se procedeu à correlação entre fatores. Tal como se pode observar (cf. Tabela 3), nenhuma correlação é superior a 1 ou inferior a -1, e não se

observaram variâncias negativas. As correlações entre os quatro fatores foram positivas e significativas.

**Tabela 3**

*Correlações entre os fatores da ICP*

	Prontidão para a mudança	Planos para a mudança	Uso de recursos	Comportamento Intencional
Prontidão para a mudança	-	.820	.470	.769
Planos para a mudança		-	.504	.766
Uso de recursos			-	.483
Comportamento intencional				-

### 2.3.3 Questionário Sociodemográfico

Com o propósito de caracterizar os participantes do estudo a equipa de investigação construiu um questionário sociodemográfico tendo como principal objetivo aceder a algumas características específicas da amostra que permitissem realizar uma análise global e descritiva tendo em conta variáveis sociodemográficas. Assim, engloba aspetos tais como: idade, género, estado civil, composição do agregado familiar, grau de escolaridade, atividade profissional e meio de residência.

Por outro lado, e tendo em conta a população a que este estudo se dirige, englobaram-se perguntas mais direcionadas ao tipo de relação existente, se for o caso, nomeadamente: tipo de relação e a sua duração.

## 2.4 Procedimentos

### 2.4.1 Procedimentos de Recolha de dados

Este projeto foi resultado de um protocolo entre a Universidade da Beira Interior e a *Coolabora*, CRL com o objetivo de estudar a agressão no namoro. Uma vez que a investigação é de natureza não experimental, a técnica de recolha de dados escolhida foi o inquérito por questionário autoadministrado. Desta forma, estes inquéritos foram administrados por estudantes de mestrado de psicologia clínica e da saúde a estudantes do ensino superior das instituições da região.

Foram salvaguardadas todas as questões éticas da pesquisa, nomeadamente o anonimato, confidencialidade e consentimento informado. A participação dos sujeitos foi voluntária e gratuita, realçando-se sempre a confidencialidade das respostas.

### 2.4.2 Procedimentos Estatísticos

Após o processo de recolha de dados, estes foram introduzidos num base de dados informática e processos pelo programado estatístico *SPSS* (Statistical Package for Social Sciences - versão 22.0). Os dados relativos à caracterização da amostra foram obtidos a partir da estatística descritiva, análise de distribuições e frequências. Para dar resposta às questões de investigação e hipóteses foram utilizados vários tipos de procedimentos e análises estatísticas, de acordo com o tipo de questão colocada. Tendo em conta o  $n$  da amostra, foi assumida a normalidade da amostra. Posto isto, para calcular a relação entre as variáveis Agressão e ICP utilizámos as técnicas paramétricas de associação, nomeadamente o coeficiente de correlação de *Pearson*, um teste que pretende averiguar se duas (ou mais) variáveis intervalares estão associadas, permitindo avaliar a direção (positiva ou negativa) e magnitude (variando entre +1 e -1) dessa mesma associação (Martins, 2011). Já para a comparação de grupos foram utilizadas as técnicas paramétricas de análise de variância.

Recorreu-se a análises descritivas para caracterização da amostra e avaliou-se a consistência interna dos instrumentos através do cálculo do alfa de Cronbach.

## CAPÍTULO 3: RESULTADOS

Este capítulo surge no sentido de se apresentarem e ilustrarem o conjunto de resultados obtidos tendo em conta os objetivos deste trabalho através da análise estatística dos dados. O conjunto de informações aqui referido foi analisado tendo em conta o auxílio do programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS®), versão 22.0 para Windows.

De referir que em todas as análises, a significância estatística foi aceite para um valor de  $p < 0,05$ .

Em seguida serão descritos os resultados obtidos através da utilização dos testes acima descritos, estando este capítulo organizado de acordo com os objetivos do estudo descritos anteriormente.

### **Hipótese 1: Há diferenças de sexo estatisticamente significativas em função dos comportamentos agressivos dos participantes;**

Foi efetuado um teste de *t Student* com o objetivo de comparar a média entre os sexos nas várias dimensões do Questionário de Agressão (cf. tabela 4). Verifica-se, através destes resultados que não existem diferenças estatisticamente significativas para as variáveis em estudo, à exceção da dimensão “Agressão física”,  $t(248) = 4.795$ ,  $p = 0.000$ , que apresenta resultados mais elevados para o sexo masculino ( $M = 18.02$ ;  $DP = 5.189$ ) quando comparados com o sexo feminino ( $M = 15.17$ ;  $DP = 4.21$ ).

**Tabela 4**

*Análise Descritiva e diferença de médias das dimensões da Escala de Agressividade em função do sexo*

	Masculino		Feminino		t	p
	M	DP	M	DP		
Agressão Física	18.02	5.19	15.17	4.21	4.795	0.000
Agressão verbal	12.48	3.56	12.39	3.17	0.223	0.824
Raiva	14.98	3.56	15.25	4.17	-0.510	0.611
Hostilidade	15.82	5.38	16.53	5.87	-1.005	0.316
Agressão Total	61.11	14.41	59.42	13.94	0.938	0.349

### **Hipótese 2: Há diferenças estatisticamente significativas nos grupos de idade em função dos comportamentos agressivos**

Após a análise dos resultados obtidos através da análise estatística do *t Student* pode-se verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das subescalas que representam a agressividade. Desta forma, pode-se afirmar que não se verificaram diferenças de resultados dos comportamentos agressivos tendo em conta o nível etário dos participantes.

**Tabela 5***Análise Descritiva e diferença de médias das dimensões da Escala de Agressividade em função da idade*

	Mais novos (18-19)		Mais velhos (20-28)		t	p
	M	DP	M	DP		
Agressão Física	16.06	3.99	16.66	5.19	-0.850	0.396
Agressão verbal	12.20	3.02	12.51	3.46	-0.665	0.507
Raiva	14.98	3.43	15.18	4.43	-0.318	0.751
Hostilidade	16.27	5.99	16.16	5.44	0.133	0.894
Agressão Total	59.51	11.86	60.46	14.93	-0.461	0.645

**Hipótese 3: Os participantes do sexo feminino apresentam maiores níveis de ICP quando comparados com os do sexo masculino;**

Da análise realizada aos resultados obtidos, pode-se verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres no que diz respeito à variável de Iniciativa de Crescimento Pessoal, à exceção do fator “Planos para a mudança” e “Uso de Recursos”, onde não existem diferenças estatisticamente significativas.

Para a dimensão “*Prontidão para a mudança*” pode-se observar (cf. tabela 4) que as mulheres apresentaram resultados mais elevados ( $M=3.86$ ;  $DP=0.60$ ) em relação aos homens ( $M=3.63$ ;  $DP=0.87$ ), encontrando-se desta forma diferenças estatisticamente significativas,  $t(245)=-2.407$ ,  $p=0.017$ . Assim, pode-se afirmar que as mulheres têm mais facilidade em criar e identificar situações promovedoras de Crescimento Pessoal.

No que diz respeito à dimensão “*Comportamento Intencional*”, pode-se também verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas,  $t(244)=-2.44$ ,  $p=0.016$ , sendo que nas mulheres  $M=4.08$  e  $DP=0.68$  e nos homens  $M=3.83$  e  $DP=0.94$ . Desta forma, as mulheres apresentam uma maior disposição e motivação pessoal para alcançar os objetivos estabelecidos para a mudança pessoal.

Por fim, na escala do “*EICP Total*” os resultados também são superiores no sexo feminino, apresentando diferenças estatisticamente significativas,  $t(240)=-1.286$ ,  $p=0.001$ . A partir destes resultados pode-se verificar que, em geral as mulheres apresentam maiores níveis de Iniciativa de Crescimento Pessoal em relação aos homens, isto é, as mulheres apresentam uma maior capacidade de identificar e fazer mudanças pessoais para promover um desenvolvimento mais positivo, quando as condições de vida mudam.

**Tabela 6**

*Análise Descritiva e diferença de médias das dimensões da Escala de Iniciativa de Crescimento Pessoal em função do sexo*

	Masculino		Feminino		t	p
	M	DP	M	DP		
Prontidão para a mudança	3.63	0.870	3.86	0.602	-2.407	0.017
Planos para a mudança	3.74	0.885	3.78	0.690	-3.89	0.697
Uso de recursos	3.06	1.100	3.24	0.944	-1.419	0.157
Comportamento Intencional	3.82	0.941	4.07	0.679	-2.437	0.016
EICP Total	3.59	0.829	3.74	0.589	-1.286	0.001

#### **Hipótese 4: Os níveis de ICP são maiores quanto maior for a idade**

Da análise aos resultados obtidos através do uso da correlação de Pearson para avaliar a associação entre as variáveis pode-se verificar que não existe qualquer associação entre as mesmas, uma vez que  $r=-0.048$ ,  $p=0.457$ .

**Tabela 7**

*Coefficiente de Correlação de Pearson entre ICP e idade*

	EICP Total
<b>Idade</b>	
Correlação de Pearson	-.048
Sig.	0.457
N	242

#### **Hipótese 5: Há uma correlação significativa negativa entre a agressão e a ICP**

Para avaliar a associação entre estas variáveis foi utilizado um teste de associação, nomeadamente o coeficiente de correlação de Pearson. Através da análise da tabela (cf. Tabela 8) pode-se verificar que os comportamentos agressivos estão negativamente relacionados com a Iniciativa de Crescimento Pessoal,  $r=-.125$ ,  $p=0.05$ . Assim, quanto mais forem os comportamentos agressivos, menor são os níveis de Iniciativa de Crescimento Pessoal.

Como se pode verificar através da tabela a seguir apresentada, existe uma associação entre o fator “Planos para a mudança” e as subescalas “Raiva”, “Hostilidade” e o score total da escala de agressividade, uma associação entre o fator “Comportamento Intencional” e as

subescalas “Agressão Física”, “Hostilidade” e o score total da escala de agressividade e, por fim, uma associação entre a pontuação total da escala de iniciativa de crescimento pessoal com a subescala “Hostilidade”.

**Tabela 8**

*Coefficiente de Correlação de Pearson entre a Agressão e a ICP*

	Agressão Física	Agressão Verbal	Raiva	Hostilidade	Agressão Total
Prontidão para a mudança	0.156	0.278	0.150	0.222	0.153
Planos para a mudança	0.192	0.810	0.034	0.001	0.018
Uso de recursos	0.996	0.950	0.427	0.567	0.713
Comportamento Intencional	0.031	0.461	0.063	0.016	0.035
EICP Total	0.165	0.591	0.073	0.035	0.050

Efetivamente, da análise dos dados permite afirmar que o fator “planos para a mudança” está negativamente correlacionada com subescala “raiva”,  $r = -0.137$ ,  $p = 0.034$ . Desta forma, uma maior pontuação no fator “planos para a mudança” está associada a menores níveis de raiva. A “hostilidade” encontra-se também relacionada com este fator da ICP,  $r = -0.207$ ,  $p = 0.001$ , o que pressupõe que quanto maiores forem os níveis de hostilidade menor será a capacidade do indivíduo planejar a mudança pessoal. O fator “planos para a mudança” encontra-se ainda relacionado com o score total da escala da agressividade,  $r = -0.154$ ,  $p = 0.018$  o que nos indica que quanto maior for a pontuação neste fator, menor serão os seus comportamentos agressivos.

Parece ainda que o comportamento Intencional está negativamente correlacionado com as subescalas “Agressão física”,  $r = -0.140$ ,  $p = 0.031$  e “Hostilidade”,  $r = -0.155$ ,  $p = 0.016$  sugerindo assim que maiores pontuações obtidas nestas subescalas estão associadas a menores níveis de disposição e motivação pessoal para alcançar objetivos. Este fator da Iniciativa de Crescimento Pessoal está ainda relacionado com o score total da escala de agressividade,  $r = -0.138$ ,  $p = 0.035$ . Por fim, os resultados obtidos na tabela permitem ainda concluir que existe uma relação entre a pontuação total na EICP e a subescala “Hostilidade”,  $r = -0.137$ ,  $p = 0.035$ , bem como entre a pontuação total de escala de ICP com a escala de agressividade,  $r = -0.125$ ,  $p = -0.05$  o que indica que quanto maiores forem os níveis de iniciativa de crescimento pessoal menores serão os comportamentos agressivos.



# CAPÍTULO 4: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E SÍNTESE CONCLUSIVA

Este capítulo surge como síntese integrativa dos resultados obtidos na parte empírica desta dissertação tendo em conta a revisão bibliográfica feita inicialmente e o estado de arte da problemática em si. Para melhor compreensão do leitor será elaborada tendo em conta as diferentes variáveis em estudo e os diferentes objetivos do mesmo funcionando como uma reflexão que pretende contrapor e salientar os resultados obtidos.

Por outro lado, será também apresentada uma breve conclusão tendo em conta igualmente as limitações desta investigação e as propostas futuras funcionando como uma breve reflexão sobre a realização e materialização deste trabalho.

## 4.1 Discussão dos resultados

Este estudo procurou analisar a relação entre os comportamentos agressivos e a iniciativa de crescimento pessoal, bem como analisar as diferenças de resultados tendo em conta a idade e o sexo dos participantes. Desta forma, a discussão retomará assim para o efeito os objetivos iniciais orientadores da pesquisa e as hipóteses testadas.

Na hipótese 1, previa-se que existissem diferenças de sexo estatisticamente significativas em função dos comportamentos agressivos. Porém, apenas se obtiveram diferenças significativas na subescala “Agressão física”, não existindo diferenças nas restantes. Desta forma, os resultados permitiram concluir que os homens apresentam uma média superior no que diz respeito a comportamentos que exijam agressão física, o que vai de encontro aos resultados de alguns estudos (Gerevich, Bácskai & Czobor, 2007; Meesters, Muris, Bosma & Beuving, 1996; Nakano, 2001; Ramirez, Andreu & Fujihara, 2001; Santisteban, Alvarado, & Recio, 2007). Apesar dos resultados nas outras subescalas não se terem mostrados significativos, as médias foram sempre superiores no sexo masculino, à exceção da subescala “raiva”. Nesta subescala, as mulheres apresentaram resultados superiores quando comparados com os homens, resultado este que também se verificou noutros estudos já realizados (Collani & Werner, 2005; Meesters, Muris, Bosma & Beuving, 1996; Santisteban et al., 2007). Este resultado pode ser talvez explicado pelo facto da raiva ser uma componente emocional/afetiva do comportamento agressivo, isto é, é o elemento que prepara para a agressão, podendo ser esta uma componente mais característica nas mulheres. Em todo o caso, a passagem ao ato (à agressão) ocorre muito menos frequentemente nas mulheres do que nos homens, provavelmente devido a uma maior capacidade de autocontrolo (Vieira & Soeiro, 2002). Tal é sustentado pelo facto de as mulheres pontuarem abaixo dos homens na escala de agressividade física. Também os valores obtidos na escala “agressão verbal” permitem concluir que os homens apresentam médias mais altas em comparação com as mulheres, resultados estes que contrariam alguns estudos (e. g Farrell et al., 2010; Hess &

Hagen, 2006), que indicaram que as mulheres seriam mais agressivas do ponto de vista verbal do que os homens.

Na segunda hipótese, esperava-se que se registassem diferenças nos grupos de idade em função da agressão, facto este que não se verificou uma vez que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nestas duas variáveis. Este resultado vai de encontro ao estudo realizado por Oliveira (2009), onde não encontrou qualquer relação entre agressividade e a idade. No entanto, apesar dos resultados não terem sido significativos, pôde-se constatar que em todas as dimensões deste construto as médias se verificaram superiores no grupo de idades compreendidas entre os 19 e os 28 anos, isto é, no grupo de sujeitos mais velhos.

Na hipótese 3, admitia-se que as mulheres apresentassem maiores resultados no que diz respeito à variável ICP quando comparado com os homens. De facto, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nesta escala, à exceção de dois fatores que a compõem, nomeadamente, “planos para a mudança” e “uso de recursos”. Desta forma, verificou-se que nos fatores “prontidão para a mudança”, “comportamento intencional” e no score total da escala as mulheres obtiveram maiores pontuações, permitindo assim afirmar que estas dispõem de mais recursos para identificar situações que possam promover o crescimento pessoal, bem como uma maior motivação pessoal para alcançar os objetivos que ajudem a alcançar a mudança pessoal. No geral, as mulheres são mais capazes de utilizar recursos externos disponíveis e iniciar comportamentos intencionais com o objetivo de melhorar a si mesma. Estes resultados corroboram a literatura revista. Segundo a mesma (Hardin, Weigold, Robitschek, & Nixon, 2007; Robitschek & Cook, 1999; Robitschek & Kashubeck, 1999), maiores níveis de ICP estão associados a uma capacidade mais reflexiva de enfrentar situações, a uma maior assertividade e menores probabilidades de desenvolver ansiedade, depressão e sofrimento psicológico. Na hipótese 4 previa-se que a variável Iniciativa de Crescimento Pessoal aumentasse em função da idade, porém, esta hipótese não se confirmou uma vez que os resultados não foram estatisticamente significativos. Estes resultados contrariam o estudo realizado por Igbokwe, Agoha Adeusi, Obidiran, Akindele, & Abiodun (2015), que concluiu que o grupo de indivíduos inseridos na faixa etária dos 23-32 apresentava maiores níveis de ICP quando comparados com o grupo de indivíduos com idades inferiores a 23 anos. Estes resultados seriam explicados pelo facto dos indivíduos com menor idade terem menos responsabilidades face aos mais velhos.

Por fim, a hipótese 5 admitia uma relação significativa negativa entre as duas grandes variáveis do presente estudo, hipótese esta que se confirmou após a análise dos resultados. Desta forma, os resultados demonstraram que quanto maiores forem as pontuações obtidas em algumas subescalas da agressão, menores são os resultados obtidos em alguns fatores da ICP. Verificou-se assim que existe uma relação entre o fator “Planos para a mudança” e as subescalas “Raiva”, “Hostilidade” e o score total da escala de agressividade, uma associação entre o fator “Comportamento Intencional” e as subescalas “Agressão Física”, “Hostilidade” e o score total da escala de agressividade e, por fim, uma associação entre a pontuação total

da escala de iniciativa de crescimento pessoal com o score total da escala de agressão. Posto isto, podemos concluir que pessoas que demonstrem maiores níveis de raiva e hostilidade são menos capazes de arranjar estratégias para facilitar o seu desenvolvimento pessoal, bem como o facto da disposição e da motivação pessoal para alcançar os objetivos estabelecidos serem menos frequentes em pessoas fisicamente agressivas e com maiores níveis de hostilidade. De um modo geral, podemos concluir que quantos maiores forem os comportamentos agressivos dos indivíduos menores serão os níveis de envolvimento ativo e intencional do sujeito no seu processo de crescimento pessoal, isto é, menor será a Iniciativa de Crescimento Pessoal. Uma vez que não existem estudos que comparem estas duas variáveis, os resultados obtidos no presente estudo, não podem ser confrontados com nenhum outro. No entanto, os resultados obtidos eram os esperados e os que iam de encontro à hipótese previamente estabelecida. De facto, era esperado que pessoas que adotem comportamentos mais agressivos sejam menos proativas no seu desenvolvimento pessoal, uma vez que os estudos já realizados (Robitscheck & Keyes, 2009) estabelecem uma relação entre altos níveis de ICP e maior bem estar psicológico, social e emocional, bem como uma maior assertividade, características estas normalmente opostas a indivíduos mais agressivos.

## 4.2 Síntese Conclusiva

O objetivo do presente estudo era analisar a relação existente as variáveis Agressão e Iniciativa de crescimento pessoal e comparar cada uma delas em função da idade e do sexo dos participantes.

Os resultados permitiram concluir que os homens apresentam mais comportamentos agressivos, do ponto de vista físico, em relação às mulheres e médias superior em todas as subescalas da escala da agressão, à exceção da componente “raiva” que apresentou resultados superiores no sexo feminino, o que vai de encontro à revisão bibliográfica.

Apurou-se ainda que a Iniciativa de Crescimento Pessoal está negativamente relacionada com a agressão, permitindo assim aferir que quanto mais forem os comportamentos agressivos menores serão as capacidades do indivíduo de promover o seu desenvolvimento e atingir os objetivos para esse mesmo efeito.

Porém, ao longo da realização da presente investigação também foram encontradas algumas limitações que são importantes de referir. Uma delas é o facto da abordagem aos participantes ser exclusivamente através de questionários, que por normalmente serem extensos, apresentam alta probabilidade de não serem totalmente preenchidos e prejudicar assim a totalidade da amostra. Uma das limitações que pode estar subjacente é a escassa abrangência demográfica, uma vez que apenas foram considerados os estudantes a frequentar instituições do ensino superior da Beira Interior, podendo ser pertinente alargar este estudo a outras áreas do país. Outra limitação encontrada é o facto da literatura portuguesa existente

acerca da variável da Iniciativa de Crescimento Pessoal ser nula e os estudos internacionais serem ainda escassos, o que dificultou a comparação de resultados com outros autores.

Desta forma, futuras investigações poderiam incidir no aprofundamento da variável de ICP, comparando-a com outras variáveis pertinentes, como por exemplo o nível de escolaridade e a nacionalidade. Esta última seria interessante, de forma a perceber de que forma estas duas variáveis estão relacionadas e se a cultura pode influenciar ou não os níveis de iniciativa de crescimento pessoal de um sujeito.

Seria também pertinente a realização de um estudo longitudinal em função desta variável, de modo a perceber mais aprofundadamente até que ponto esta varia em função da idade.

Não obstante as limitações do estudo, os resultados poderão contribuir para um melhor conhecimento da problemática em Portugal e da sua possível relação com os comportamentos agressivos.

## BIBLIOGRAFIA

- Afonso, J. I. G. (2010) - “(...) *Mais gosto de ti*”??? *Diferenças entre homens e mulheres nas crenças e comportamentos sobre agressão conjugal* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (1998). *Manual de procedimentos*. Lisboa: APAV
- Berry, B. D. (2000). *The domestic violence sourcebook: Everything you need to know*. Los Angeles: Lowel House.
- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 452-459
- Carmo, H., & Ferreira M. M. (1998). *Metodologia da Investigação - Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Agressão na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485- 493.
- Cunha, O., & Gonçalves, R. A. (2012). Análise confirmatória fatorial de uma versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry. *Laboratório de Psicologia*, 10(1), 3-17. DOI:10.14417/lp.620
- Castela, R. (2013). *Crenças normativas sobre a agressão e comportamentos de bullying em contexto escolar* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Almada.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Agressão nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113.
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Agressão sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104.
- Caridade, S., & Machado, C. (2012). Agressão na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.

- Collani, D., & Werner, R. (2005). Self-related and motivational constructs as determinants of aggression: An analysis and validation of a German version of the Buss-Perry Aggression Questionnaire. *Personality and Individual Differences, 38*, 1631-1843.
- Direção Geral de Saúde (2014). Agressão Interpessoal: Abordagem, Diagnóstico e Intervenção nos Serviços de Saúde. *Violência Interpessoal, 2*, 5-226.
- Dias, A. R. (2012). *Repertórios interpretativos sobre o amor: das narrativas culturais às conjugalidades violentas* (Tese de doutoramento não publicada). Escola de Psicologia da Universidade do Minho, Braga.
- Dobash, R. P., & Dobash R. E. (2004). Women's violence to men in intimate relationships. *British Journal Criminology, 44*, 324-349.
- Fortin, M. F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Foshee, V. A., Bauman, K. E., & Linder, G. F. (1999). Family violence and the perpetration of adolescent dating violence: examining social learning and social control processes. *Journal of Marriage and the Family, 61*, 331-342.
- Freitas, C. P. P., Damásio, B. F., Tobo, P. R., Kamei, H. H., & Koller, S. H. (2016). Systematic Review about Personal Growth Initiative. *Anales de Psicología/Annals of Psychology, 32*(3), 770-782.
- Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Justiça (1998). *Estatísticas criminais*. Lisboa: GEPMJ.
- Galego, C. (2004). Agressão nas escolas: Representação Social dos mass media. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Educação e Apendizagens*, decorrido na Universidade do Minho, Campus de Gualtar, Braga.
- Garcia-Moreno, C; Watts, C (2011) Violence against women: an urgent public health priority. *Bulletin of the World Health Organization, 89* (1), 2.
- Gerevich, J., Bácskai, E., & Czobor, P. (2007). The generalizability of the Buss-Perry aggression questionnaire. *International Journal of Methods in Psychiatric Research, 16*(3), 124-136.

- Gonzalez-Ortega, I., Echeburúa, E. & Paz de Coral (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: una revisión. *Behavioral Psychology/ Psicología Conductual*, 16(2), 207-225.
- Guimarães, S. P., & Campos, P. H. F. (2007). Norma social violenta: um estudo da representação social da agressão em adolescentes. *Psicologia: reflexão e crítica*, 20(2), 188-196.
- Hardin, E. E., Weigold, I. K., Robitschek, C., & Nixon, A. E. (2007). Self-discrepancy and distress: The role of personal growth initiative. *Journal of Counseling Psychology*, 54(1), 86.
- Hess, N.H & Hagen, E. H. (2006). Sex differences in indirect aggression: Psychological evidence from young adults. *Evolution and Human Behavior*, 27, 231-245
- Hines, D. A., & Saudino, K. J. (2002). Intergenerational transmission of intimate partner violence. A behavioural genetic perspective. *Trauma, Violence & Abuse*, 3, 210-225.
- Houaiss, A., & Villar. (2003). *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Lisboa: Currículo de Leitores.
- Igbokwe D., Agoha B., Adeusi, S., Obidiran, D., Akindele, Z., & Abiodun, G. (2015). *Age, Gender and Marital Status in Personal Growth Initiative* (Dissertação de Mestrado não publicada). Nigeria: Department of Psychology Covenant University Ota Ogun State.
- Ismail, F., Berman, H., & Ward-Griffin, C. (2007). Dating violence and the health of young women: a feminist narrative study. *Health Care for Women International*, 28, 453-477.
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 4, 233-247.
- Lemos, A.M. (2008). *Por uma escola que previne: Uma abordagem e reflexão de um projeto educativo de prevenção da agressão de género nas escolas* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Lourenço, N., & Carvalho, M. J. L. (2001). Agressão doméstica: Conceito e âmbito. Tipos e espaços de agressão. *Revista da Faculdade de Direito da UNL*, 2 (3), 95-121.

- Machado, L. M. G. D. S. (2010). *Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Agressão nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Marin, A. J., & Russo, N. F. (1999). Feminist perspectives on male violence against women: Critiquing O'Neil and Harway's Model. In M. Harway & J. O'Neil (Eds), *What causes men's violence against women?* Thousand Oaks: Sage.
- Matos, M. (2006). *Agressão nas relações de intimidade: estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia, Braga.
- Matos, M. (2002). *Agressão conjugal*. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Coords.), *Agressão e vítimas de crimes*. (Vol I: Adultos, pp. 81-130). Coimbra: Quarteto.
- Meesters, C., Muris, P., Bosma, H., Schouten, E., & Beuving, S. (1996). Psychometric evaluation of the Dutch version of the aggression questionnaire. *Behaviour Research and Therapy*, 34, 839-843.
- Mendes, E. & Cláudio, V. (2010). *Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da agressão doméstica*. In *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, Universidade do Minho, Braga.
- Nakano, K. (2001). Psychometric evaluation on the Japanese adaptation of the aggression questionnaire. *Behavior Research and Therapy*, 39, 853-859.
- Oliveira, M. S. A. D. (2009). *Agressão Intergeracional: da agressão na família à agressão no namoro* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto.
- Oliveira, A., & Manita, C. (2002). Prostituição, agressão e vitimação. *Agressão e vítimas de crimes*. Vol. 1- Adultos. (pp.213-239). Coimbra: Quarteto Editora
- Oliveira, M. (2004). *Comportamentos dos jovens universitários face à agressão nas relações amorosas* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Porto.



- Oliveira, M. (2007). *Agressão Intergeracional: da agressão na família à agressão no namoro* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Porto.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Prochaska, J. O., & DiClemente, C. C. (1986). Toward a comprehensive model of change. *In Treating addictive behavior*, 3-27.
- Ramirez, J. M., Andreu, J. M., & Fujihara, T. (2001). Cultural sex differences in aggression: A comparison between Japanese and Spanish students using two different inventories. *Aggression Behavior*, 27, 313-322.
- Ribeiro, M. D. C. O., & Sani, A. I. (2008). *As crenças de adolescentes sobre a agressão interpessoal* (Dissertação de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Lisboa.
- Riggs, D. S., & O'Leary, K. D. (1996). Aggression between heterosexual dating partners. An examination of a causal model of courtship aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 11, 519-540.
- Robitschek, C., Ashton, M. W., Spering, C. C., Geiger, N., Byers, D., Schotts, G. C., & Thoen, M. A. (2012). Development and psychometric evaluation of the Personal Growth Initiative Scale-II. *Journal of Counseling Psychology*, 59(2), 274.
- Robitschek, C., & Keyes, C. L. (2009). Keyes's model of mental health with personal growth initiative as a parsimonious predictor. *Journal of Counseling Psychology*, 56(2), 321.
- Robitschek, C. (2003). Validity of Personal Growth Initiative Scale Scores with a Mexican American College Student Population". *Journal of Counseling Psychology*, 50(4), 496-502.
- Robitschek, C., & Cook, S. W. (1999). The influence of personal growth initiative and coping styles on career exploration and vocational identity. *Journal of Vocational Behavior*, 54(1), 127-141.
- Robitschek, C., & Kashubeck, S. (1999). A structural model of parental alcoholism, family functioning, and psychological health: The mediating effects of hardiness and personal growth orientation. *Journal of counseling psychology*, 46(2), 159.

- Robitschek, C. (1998). Personal growth initiative: The construct and its measure. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 30(4), 183-198.
- Robitschek, C. (1997). Life/Career Renewal: An Intervention for Vocational and Other Life Transitions. *Journal of Career Development*, 24(2), 133-146.
- Santisteban, C., Alvarado, J. M., & Recio, P. (2007). Evaluation of a Spanish version of the Buss and Perry aggression questionnaire: Some personal and situational factors related to the aggression scores of young subjects. *Personality and Individual Differences*, 42, 1453-1465.
- Serquino-Ramiro, L. (2005). Physical intimacy and sexual coercion among adolescent intimate partners in the Philippines. *Journal of Adolescent Research*, 20, 476-496.
- Sev'er, A., Dawson, M. & Johnson, H. (2004). Guest Editors' Introduction: Lethal and nonlethal violence against women by intimate partners: Trends and prospects in the United States, the United Kingdom and Canada. *Violence Against Women*, 10(6): 563-577.
- Sharma, S. K., Garg, P., & Rastogi, R. (2011). Personality as a Predictor of Personal Growth Initiative. *Journal of Organizational Behavior*, 10(3), 41-53.
- Shigemoto, Y., Ashton, M. W., & Robitschek, C. (2016). Predictors of growth in the aftermath of traumatic events: The role of personal growth initiative. *Journal of Loss and Trauma*, 21(5), 399-409.
- Simões, A. (1993). São os homens mais agressivos que as mulheres? *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVII(3), 387-404.
- Veloso, N. M. (2013). *Agressão no namoro em estudantes universitários: prevalência e diferenças entre géneros* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Ventura, M. C. A. A., Ferreira, M. M. F., & Magalhães, M. J. D. S. (2013). Agressão nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, 11, 95-103.
- Vidal, M. (2008). *Percepções de jovens acerca do uso da agressão em relações de namoro: estudo exploratório*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.

Vieira, A., & Soeiro, C. (2002). Agressividade e psicopatia. *Temas Penitenciários*, 11 (9), 25-35.

World Health Organization (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization

Weigold, I. K., & Robitschek, C. (2011). Agentic personality characteristics and coping: their relation to trait anxiety in college students. *American Journal of Orthopsychiatry*, 81(2), 255.

Yakunina, E. S., Weigold, I. K., & Weigold, A. (2013). Personal growth initiative: Relations with acculturative stress and international student adjustment. *International Perspectives in Psychology: Research, Practice, Consultation*, 2(1), 62-71.

Yakunina, E. S., Weigold, I. K., Weigold, A., Hercegovac, S., & Elsayed, N. (2013). International Students' Personal and Multicultural Strengths: Reducing Acculturative Stress and Promoting Adjustment. *Journal of Counseling & Development*, 91(2), 216-223.

.